



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Redeclenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Neoliberalismo e a cooptação de grupos de minorias

Gilmário Tanajura Peixoto¹; Laurenio Leite Sombra²

1.Gilmário Tanajura Peixoto, PVIC/UEFS, FILOSOFIA, e-mail: gilmariotp@gmail.com

2.Laurenio Leite Sombra, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA, e-mail: llsombra@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; redistribuição/reconhecimento; feminismo; política.

INTRODUÇÃO

O capitalismo sempre foi um sistema que, para se sustentar, precisou da existência de células vivas que compõem o organismo social. Tais células chamamos de seres humanos. Essas pessoas são os agentes que dão vida à sociedade através das suas inquietações, suas buscas, trocas, seus desejos, suas maratonas e objetivos. Todas essas situações, por causa da ideia capitalista, tornaram-se peças fundamentais para uma justificativa chamada sobrevivência. Sendo assim, para todas essas situações citadas, tendo a sobrevivência como um pretexto, o capitalismo toma um caráter de segurança e vem palmilhando o seu caminho apresentando às pessoas o “meio de alcançar o sucesso”: a concorrência.

Portanto, vem se reinventando para solidificar as suas estruturas com várias roupagens no decorrer do tempo, chegando a se reestruturar com a ideia do neoliberalismo, que tem como uma de suas pautas principais defender o individualismo, enfraquecendo grupos minoritários, as suas ideias de coletividade, tentando até cooptar pautas progressistas. A raiz sustentadora do neoliberalismo é o próprio capitalismo, que defende as ideias de individualismo, meritocracia, empreendedorismo, fortalecimento do capitalismo financeiro, dentre outras (DARDOT E LAVAL, 2016). Tais ideias são ferramentas primordiais para que a concorrência esteja sempre amparada e viva nas atividades socioeconômicas e políticas do tecido social. Com isso, quando o neoliberalismo pretende, de maneira articulada e sofisticada, cooptar os grupos minoritários apresentando um discurso sobre justiça social, o que existe é um contrassenso, visto que esses grupos são em geral os mais prejudicados por suas ações. Seguindo esse raciocínio é que entra a proposta de Nancy Fraser (2009, 2018). A

pensadora afirma que muitas pautas voltadas para a justiça social foram ressignificadas pelo neoliberalismo, fazendo com que o mesmo se mantenha no mando. Muitas pessoas ligadas aos coletivos minoritários se deixam levar por essas “pautas progressistas” que, de fato, estão inseridas no contexto neoliberal, oferecendo propostas de emancipação, mas representando na prática um tipo de justiça social mitigada, com sucesso para alguns poucos representantes desses grupos minoritários¹.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa está no âmbito da filosofia política. Por isso foi estruturada no campo da investigação baseada em conceitos trazidos pela autora (Nancy Fraser) como: *neoliberalismo progressista, redistribuição e reconhecimento, androcentrismo, sexismo, feminismo e populismo reacionário*. Toda a problemática foi tratada através de leituras e fichamentos dos textos da filósofa, como também foi ressaltado o conceito de *neoliberalismo e subjetividade* através do texto dos pensadores Pierre Dardot e Christian Laval. E, após exames dos conceitos abordados e suas fundamentações, finalmente, a elaboração do relatório e artigo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Para Fraser, um elemento fundamental da cooptação das minorias foi a separação entre as pautas de “reconhecimento” (valorização específica da identidade cultural) e redistribuição (pauta econômica). Para Fraser, é necessário superar a dicotomia entre reconhecimento e redistribuição para que, ao contrário, a retroalimentação existente entre a desvalorização cultural e a privação dos recursos tenha fim.

É a partir dessa separação que se formulou o que ela chama de “neoliberalismo progressista”. O neoliberalismo procura adentrar nos grupos minoritários avançando cada vez mais no domínio das políticas de identidade para proteger as suas próprias ideologias políticas. Institucionalizando tais ideologias, o neoliberalismo se mantém no protagonismo, abarcando todas as esferas da sociedade: na área econômica, no campo político e cultural. O capitalismo, com essa roupagem neoliberal, se estende sobre uma suposta defesa da valorização cultural/identitária. Esse desequilíbrio no âmbito da redistribuição reforça uma injustiça socioeconômica, gerando consequências que comprometem o bem estar dos grupos de minorias.

¹

Esse processo, entretanto, degingolou em crise política. Essa crise política solapou o estranho casamento que gerou o neoliberalismo progressista, em prol do que Fraser caracterizou como neoliberalismo reacionário (2018). Essa versão do neoliberalismo procura conservar a hierarquia social, centralizando todo poder nas mãos da elite. Esse tipo de neoliberalismo tem uma agenda com ideais mantenedores da hierarquia social, corroborando a aliança com políticas da extrema-direita, liberalização econômica e também a defesa de posturas conservadoras e autoritárias. Os programas sociais que defendem direitos de igualdade são vetados por essa vertente reacionária. O livre mercado, a propriedade privada, a liberdade econômica e o individualismo são princípios que fundamentam o neoliberalismo reacionário. Trump foi o principal representante desse corrente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Fraser, qualquer caminho que esteja vinculado com o neoliberalismo não surtirá um efeito que venha, realmente, contemplar as necessidades urgentes das classes desfavorecidas. O neoliberalismo tem em sua essência o espírito capitalista. Qualquer política que vise combater o neoliberalismo, seja qual for a sua modalidade, deve defender a união das políticas de redistribuição e reconhecimento. Uma articulações dessa natureza tem a capacidade de ir à raiz do problema e desestruturar o status quo. Com isso acontecendo, as estratégias de cooptação dos grupos minoritários serão desarticuladas.

Nancy Fraser entende que uma ação possível, a médio prazo, é contrapor o neoliberalismo reacionário e o neoliberalismo progressista pelo que ela chama de “populismo progressista” (2018)². Fraser ressalta a capacidade do populismo progressista abordar assuntos que atingem a realidade política tanto no âmbito subjetivo, quanto no âmbito objetivo. A complexidade da crise se amplia alcançando os campos ecológico, social e econômico. Os lados dessa crise, subjetivo e objetivo, se retroalimentam. Enfrentá-la significa, também, enfrentar todos esses aspectos. Como Fraser diz: “ficam de pé ou caem juntos” (FRASER, 2018, p. 62).

² Embora o “populismo” não signifique uma solução definitiva para Fraser, ele não é reivindicado com a conotação pejorativa que costuma ter no Brasil. Um representante do populismo progressista nos Estados Unidos seria Bernie Sanders, por exemplo.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. “Neoliberalismo e subjetivação capitalista”. Tradução de Eleutério Prado. *Revista o olho da história*, 22, abril/2016.

FRASER, Nancy. “Redistribuição ou reconhecimento? Classe e status na sociedade contemporânea”. Tradução de Paulo Martins Garchet. *Intersecções*, ano 4, n. 1, jan/jun 2002.

FRASER, Nancy. “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista”. Tradução de Julio Assis Simões. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15.

_____. “O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história”. Tradução de Anselmo da Costa Filho e Sávio Cavalcante. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, jul-dez 2009.

_____. “Do neoliberalismo progressista a Trump – a além”. Tradução de Paulo Neves.